

## POLIFONIA E MEMÓRIA EM SERGE DOUBROVSKY E JACQUES FUX

Laura Barbosa Campos (UERJ)

**RESUMO:** Quais seriam as convergências entre o mineiro Jacques Fux (1977) e o consagrado autor francês Serge Doubrovsky (1928), criador do termo autoficção? Este trabalho propõe uma reflexão sobre a maneira como esses escritores exploram a memória íntima, a criação de diferentes vozes e os jogos metatextuais. Trata-se de mostrar como a obra *Brochadas* (2015), de Jacques Fux, dialoga com *Le Livre Brisé* (1989), de Doubrovsky. A publicação brasileira é repleta de presenças literárias, de Marcel Proust a Georges Perec, passando por Borges, Bakhtin e muitos outros, mesmo que, algumas vezes, caiba ao leitor saber decifrar as referências. Fux mescla relato pessoal, ensaio e correspondência virtual. O livro se articula ao de Doubrovsky na medida em que ambos criam estruturas narrativas de coescrita. Nas publicações, as lacunas da memória, as lembranças difusas e as críticas ferrenhas de suas interlocutoras levam os narradores a teorizar sobre sua própria literatura. O trabalho pretende apontar convergências entre esses dois livros cujos autores transformam a impossibilidade de uma leitura unívoca sobre si mesmo em substrato da própria obra.

Palavras-chave: memória; Serge Doubrovsky; Jacques Fux.

Um dos neologismos mais recorrentes e polêmicos da literatura contemporânea, a palavra-valise autoficção, foi forjado pelo consagrado autor francês Serge Doubrovsky em 1977. Coincidentemente, nesse mesmo ano, nascia em Belo Horizonte o escritor e ensaísta Jacques Fux, cuja potência criativa lembra muito a de Doubrovsky.

Apesar de pertencerem a gerações distintas e apresentarem diferenças em suas respectivas escritas, os dois possuem mais pontos em comum do que pode parecer à primeira vista. Além da origem judaica, a constatação de que a literatura, para ambos, é um ato de coragem. E isso pela escolha de temas de caráter íntimo, ligados a tabus e preconceitos, como questões envolvendo impotência sexual, alcoolismo feminino e os limites da literatura.

Na década de 80, Serge Doubrovsky foi considerado um autor “escandaloso” pela veemência com que expôs as turbulências de sua vida amorosa. Michel Contat diz que ele expandiu as possibilidades do narrável em relação à escrita íntima. O aporte da psicanálise na autoficção doubrovskyana é decisivo. “*Monsieur Cas*”, aliás, foi um dos títulos cogitados pelo autor para seu livro *Fils* (1977), em uma referência clara a Kafka e à judeidade, mas também, e sobretudo, a Freud e à psicanálise.

Jacques Fux é um autor de profícua vida acadêmica, apesar de jovem. Ele apresenta um percurso bastante atípico, graduado em matemática e mestre em ciência da computação pela UFMG, é também doutor e pós-doutor em literatura, além de ter sido pesquisador visitante em Harvard. Sua tese de doutorado uniu suas duas paixões, intitulada “*Literatura e matemática: Jorge Luís Borges, Georges Perec e o OuLiPo*”<sup>1</sup>, recebeu o prêmio Capes 2011 de melhor tese. Por seu romance de estreia, *Antiterapias* (2012), Fux obteve o prestigiado Prêmio São Paulo de Literatura. Assim como Doubrovsky, Fux também pode ser visto como um autor ousado, sobretudo pela escolha temática do livro *Brochadas*, enfrentando os tabus que, ainda hoje, envolvem as questões ligadas ao sexo, apesar de toda a literatura libertina em diversas épocas e lugares.

Proponho alguns apontamentos sobre *Le Livre Brisé*<sup>2</sup>, de Doubrovsky, prêmio Médicis em 1989, em diálogo com *Brochadas: confissões sexuais de um jovem escritor*, livro de Fux que recebeu Menção Honrosa no Prêmio Cidade de Belo Horizonte, em 2015.

Em *Brochadas*, a presença do termo “confissões” no subtítulo da obra indicia uma leitura referencial. O narrador, também nomeado Jacques, intercala relatos pessoais e esboço histórico do tema, dando assim um aspecto ensaístico e um caráter híbrido ao texto. Além disso, Jacques troca mensagens eletrônicas com suas ex-namoradas sobre

---

<sup>1</sup> O OuLiPo (*Ouvroir de Littérature Potentielle*) é um grupo formado por escritores e matemáticos que propõem uma literatura baseada em jogos e restrições de escrita.

<sup>2</sup> A obra foi publicada em português sob o título *O livro quebrado* pela editora lisboeta Difel, em 1992.

seu plano de escrever o que o narrador denomina a “líada das brochadas”. A estratégia empregada pelo autor atualiza um recurso que foi bastante usado por romancistas do passado. Até o século XVIII, as cartas eram associadas a uma sensação de autenticidade, por isso, escritores como Samuel Richardson e Jean-Jacques Rousseau recorreram à forma epistolar para escrever ficções e ludibriar os leitores.

No livro de Fux, lê-se:

de: **Jacques Fux** <jacfux@gmail.com>

para : **Deborah**<sup>3</sup> <\*\*\*\*@yahoo.com>

data : 23 de janeiro de 2014 01 :42

assunto: Novo livro!

enviado por: gmail.com

Oi, Deborah

[...]

Estou escrevendo um outro livro, chama-se Brochadas. [...]. E por isso te escrevo. [...]. Bom, acho que você sabe que minha literatura não é lá tão simples assim. Eu estou me empenhando em fazer algo sério, difícil e fiel ao que acredito. Por isso estou indo ao limite da criação, conversando com os próprios “personagens” e pedindo que eles participem da obra. (FUX, 2015, p.154).

De imediato, percebe-se a preocupação em criar a ilusão de autenticidade no leitor, através da imagem formal do texto, que mimetiza a formatação de uma correspondência eletrônica. Além disso, o jogo fica ainda mais embaralhado pelo fato de termos o mesmo endereço eletrônico para o narrador Jacques, instância discursiva, e para o autor Jacques Fux, sujeito em princípio pleno, que é o escritor.

Estabelece-se um diálogo virtual entre o narrador e uma dezena de antigas parceiras, que lhe escrevem de volta e expressam forte insatisfação com esse projeto literário e com a conseqüente exposição de suas intimidades. Colocam-se, assim, questões éticas, suscitadas com frequência pela autoficção em geral e, particularmente, por Doubrovsky em *Le Livre Brisé*.

As respostas das “mulheres-capítulo”, expostas às confissões do narrador de Fux, constituem um interessante jogo polifônico, abrindo espaço para as diversas vozes femininas e para a expressão de variados pontos de vista. A multiplicação de vozes narrativas funciona também como contrapeso para as confissões do narrador-

---

<sup>3</sup> Os grifos são do autor

protagonista nada confiável, cujo pacto de leitura é ambíguo. Vale lembrar a epígrafe do livro: “Tudo aqui é verdade, exceto o que não invento”.

A autorreflexividade do livro de Fux (também presente em Doubrovsky) situa o autor dentro de uma herança proustiana explicitamente reivindicada, desde os títulos de alguns capítulos, a saber: “*À l’ombre* das brochadas perdidas” e “*À la recherche*<sup>4</sup> do espelho judaico”. A problematização simultânea do desejo e da impossibilidade de escrever um romance, a presença do escritor e suas dificuldades no trabalho de criação são aspectos de *À la Recherche*, de Marcel Proust, encontrados tanto no brasileiro quanto em Doubrovsky.

A obra de Fux joga com os conceitos de metalinguagem e autoficção e tece uma análise irônica e bem humorada do eu na literatura. O narrador estabelece aproximações inusitadas entre campos do saber, em princípio, distantes. Ele cria, assim, o efeito cômico:

Já um russo, daqueles que tomam pouco banho, e de uma escola diferente daquela de Kant, também contribuiu um pouco mais para o entendimento do olfato. Estudando a questão do grotesco, Mikhail Bakhtin priorizou as aberturas do corpo, incluindo o nariz, a boca, o falo e o ânus como possibilidade de sublinhar a natureza transitória do ser humano. Nossos “buracos” sentem, fruem e se eliminam pela eternidade, mas são bastante importantes no “durante”, no momento, na travessia. Interessante, profundo e agrega um pouco à minha teoria sobre os motivos das brochadas. (FUX, 2015, p.190)

Desde as primeiras páginas, o leitor se depara com o tom jocoso inserido em uma ampla rede intertextual construída por Fux. Em homenagem ao escritor francês Georges Perec, os capítulos iniciais intitulam-se: “Tentativa de esgotamento do motivo das brochadas masculinas” e “Tentativa de esgotamento do motivo das brochadas femininas”, alusão clara ao livro de Perec: *Tentativa de esgotamento de um lugar parisiense*, lançado em 1974. Perec realiza um inventário de ações cotidianas e faz surgir uma impressão de estranhamento acerca daquilo que nos é familiar. Esse método de trabalho do autor francês, dentro de uma espécie de jogo com as limitações da escrita que contribui para estimular a criação, dialoga diretamente com a proposta de Fux.

Já em *Le Livre Brisé*, o tom é mais pesado. O autor coloca em cena sua relação com Ilse. Ele atende à injunção da esposa que, em uma crise de ciúmes, o desafia a

---

<sup>4</sup> Itálicos do autor

escrever um livro sobre a história do casal, mas adverte: “*Un pacte. Impact.*” (1989, p.71). Essa obra singular termina por narrar a morte de Ilse por overdose de álcool, tornando-se também o relato de um *fait divers*. O livro suscitou uma recepção crítica polêmica e ambígua na França. Acusado de ter sido o responsável pela morte da esposa, Doubrovsky foi alvo de leituras moralizadoras na mídia da época, focalizadas muito mais no plano moral do que no plano literário.

Nas primeiras páginas da obra de 1989, o narrador evoca suas reminiscências ligadas ao período da Ocupação alemã na França durante a Segunda Guerra Mundial. Imediatamente, ele é tomado por um “*trou de mémoire*” (1989, p.13) ao tentar se lembrar do dia 8 de maio de 1945, data da vitória dos Aliados na Guerra, dentro de um típico processo de recalçamento traumático. Esse “*trou de mémoire*” não impede, entretanto, que aflorem sentimentos de culpa e autorreprovação. “*Cette guerre pas faite, je n’arrête pas de la refaire. [...] Dans mon passé que du passif.*” (1989, p.28). A partir da sequência denominada “Romance conjugal” (p.61), a estrutura narrativa toma contornos distintos. Entra em cena o desafio de Ilse:

– *Eh bien, puisque tu aimes l’originalité, innove!*  
[...] *Tu t’es pas mal déballé dans Un amour de soi, ça n’a pas l’air de te faire peur...*  
- *Pas du tout pareil ! L’histoire avec Rachel, quand j’ai publié mon bouquin, cela faisait quatre ans qu’elle était enterrée. On peut tout dire du moment que c’est passé. Le présent, voilà le problème, parce qu’il engage l’avenir.* (1989, p.68-69)

Capítulo após capítulo, Ilse lê e comenta o texto do marido/narrador e cria, assim, uma impressão de simultaneidade entre escrita e experiência. A voz de Ilse modifica o projeto inicial do narrador e subverte tanto a forma quanto o conteúdo da obra. Além das lacunas de memória, as críticas ferrenhas de Ilse também engendram uma discussão sobre o próprio fazer literário. Assim, a escrita de si funciona também como pré-texto de uma autoanálise teórica.

A presença de vozes femininas, tanto em *Brochadas* quanto em *Le Livre Brisé*, produz uma intervenção fundamental para o desvendamento do sujeito falocêntrico. Na era pós-freudiana, não se trata mais do “*moi seul*” de Rousseau. Agora, o analisante sabe que seu autorretrato é um héterorretrato, que ele vem do lugar do outro (DOUBROVSKY, 1988, p.73).

À imagem da fragmentação da memória, o sujeito apresenta uma autopercepção esfacelada, disseminada. Diante do sentimento de dispersão e de descontinuidade, ele necessita do Outro como mediador. O sujeito recorre, então, à mediação, em busca de certa aderência. Trata-se do encontro consigo mesmo através do Outro: “*Je ne peux pas penser mes plaies tout seul*”<sup>5</sup> (1989, p.221), afirma o narrador, que joga com a homonímia entre os verbos *penser* e *panser* em francês. Vale lembrar também que, para a psicanálise, a história biográfica e a ficção não são polos opostos. O sujeito cria uma ficção de si e essa narrativa não é verdadeira nem falsa.

As narrativas autoficcionais de Doubrovsky e de Fux embaralham as marcas e os sinais em refinados efeitos de polifonia através de vários procedimentos de escrita. É dessa concepção psicanalítica da subjetividade como produção que derivam os textos dos autores estudados.

---

<sup>5</sup> “Eu não posso pensar/tratar as minhas chagas sozinho”. A tradução é minha.

## Referências

DOUBROVSKY, Serge. *Autobiographiques: de Corneille à Sartre*. Paris : PUF, 1988.

\_\_\_\_\_. *Le Livre Brisé*. Paris: Folio, 1989.

\_\_\_\_\_. *Fils*. Paris: Folio, 2001.

FAEDRICH, Anna. *Autoficções: do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea*. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Em torno de Roland Barthes : da « morte do autor » ao seu retorno e ao nascimento do leitor*. Santa Maria (RS): PPGL, 2016.

FUX, Jacques. *Antiterapias*. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

\_\_\_\_\_. *Brochadas: confissões sexuais de um jovem escritor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

NORONHA, Jovita M. Gerheim (org). *Ensaaios sobre autoficção*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Guedes. Belo horizonte: Ed. UFMG, 2014.

PEREC, Georges. *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: G. Gili, 2016.